

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

Número 06, 2º semestre de 2019

ISSN 2526-9739



Revista LiterAusten

Estudos, pesquisas e ensaios dedicados ao legado da
romancista inglesa.

Jane Austen

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil



Jane Austen Sociedade do Brasil

Revista LiterAusten – 2019 – Volume 06

ISSN 2526-9739

Publicação Semestral da JASBRA

<https://janeaustronbrasil.com.br/literausten/>
adrianajasbra@gmail.com

Imagem da capa e contracapa:

manuscrito de Lady Susan (fundo) e aquarela inacabada de Jane Austen, feita por sua irmã Cassandra Austen.

Presidente da JASBRA

Adriana Sales Zardini

Vice-Presidente da JASBRA

Cláudia Suzana Cristino

Corpo Editorial

Adriana Sales Zardini

Marcelle Santos Vieira Salles

Jane Rodrigues Pereira Andrade

Pareceristas *ad hoc* desta edição

Adriana Sales Zardini

Marcelle Santos Vieira Salles

Jane Rodrigues Pereira Andrade

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil



Jane Austen Sociedade do Brasil

Revista LiterAusten

Rua Francisco Bicalho, 222 / 201

30.720-412

Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil

adrianajasbra@gmail.com

Volume 6 - 2º Semestre de 2019

ISSN 2526-9739

Revisão e Editoração Eletrônica desta edição

Adriana Sales Zardini

Jane Rodrigues Pereira Andrade



APRESENTAÇÃO

A Revista LiterAusten tem como objetivo, publicar os artigos dos Encontros Nacionais da Jane Austen Sociedade do Brasil, assim como publicações de pesquisadores nacionais e internacionais a respeito da escritora inglesa Jane Austen.

Esta Revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.

A publicação é semestral e aceita artigos em fluxo contínuo.



MENSAGEM DA PRESIDENTE

A quarta edição da revista LiterAusten é fruto de mais uma conquista da Jane Austen Sociedade do Brasil em oferecer reflexões e pesquisas sobre Jane Austen e suas obras. É com muita satisfação que apresentamos os trabalhos aqui publicados e desejo a todos uma ótima leitura.

Vida longa à LiterAusten!

Adriana Sales Zardini

MENSAGEM DOS EDITORES

Temos como missão disseminar com seriedade e dedicação a obra da escritora inglesa Jane Austen e, este propósito, tem vida e nome: LiterAusten! Este 4º Volume, traz artigos escritos por pesquisadores de outros países: Austrália, Espanha e Portugal. Nesses artigos poderemos conhecer um pouco mais sobre Austen e sua obra por meio de análises interessantes e pesquisas aprofundadas. Desejamos que a leitura seja proveitosa e que a mente e genialidade de Austen sejam atributos cada vez mais reconhecidos entre os amantes da literatura.

Adriana Sales Zardini e Marcelle Santos Vieira Salles

REGRAS DE CITAÇÃO DOS ARTIGOS DESTA REVISTA

SOBRENOME, nome do autor. Título do artigo. **Literausten**, Belo Horizonte, V. 6, 41 páginas, 2º semestre. 2019. Disponível em: <<https://janeaustenbrasil.com.br/literausten/>>. Acesso em: data.



SUMÁRIO

ARTIGOS

JANE'S HAPPY ENDINGS (Lúcia Leão)	08
JANE AUSTEN, HANNAH MORE E O DRAMA DA EDUCAÇÃO (Jane Baron Nardin, Vitória Martins de Souza e Maria Clara Coura)	09
O ROMANCE UNILATERAL DE JANE AUSTEN E TOM LEFROY (Joan Klingel Ray e Adriana Sales Zardini)	16
A [IN]DESCRIÇÃO DE JANE AUSTEN (Larissa Pereira de França)	33



APRESENTAÇÃO

Para o presente número da Revista LiterAusten apresentamos um poema em homenagem a Jane Austen, escrito por Lúcia Leão, e, em seguida, um artigo traduzido pelas alunas do Ensino Médio do CEFET-MG – Campus Timóteo, sob orientação de Adriana Sales Zardini e Marcelle Santos Vieira Salles. Também apresentamos a tradução de um artigo muito interessante a respeito do relacionamento entre Tom Lefroy e Jane Austen, escrito, em inglês, pela Joan Ray (JASNA). Além dos dois artigos traduzidos, apresentamos também o artigo de Larissa França, que traz uma análise sobre a descrição dos personagens Austen em duas: Orgulho e Preconceito e Persuasão. A partir desta edição, serão publicados artigos, ensaios e demais trabalhos sobre escrita de autoria feminina e todo o universo de pesquisas que retratem essa temática.

Desejo uma ótima leitura para todos!

Adriana Sales Zardini
Doutora em Estudos Linguísticos – UFMG
Docente do Departamento de Linguagem e Tecnologia do CEFET-MG
Editora da Revista LiterAusten



JANE'S HAPPY ENDINGS

Lúcia Leão¹

were never there when she arrived.

She would dress, naked

inside, ready inside.

The garden was hers

to redefine, and with no rain

coming her way she learned life

can go on with no crying.

She learned to leave behind

simple beginnings and lessons,

she wanted to replant

in the middle of clouds

- a desire.

¹ Lúcia Leão é tradutora e escritora. Tem mestrado em literatura brasileira pela UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e mestrado em jornalismo pela Universidade de Miami (Flórida, EUA).



JANE AUSTEN, HANNAH MORE E O ROMANCE DE EDUCAÇÃO²

Jane Nardin³

Tradução: Vitória Martins de Souza e Ana Clara Coura Vargas (CEFET-MG Timóteo)⁴

Jane Austen sabia tudo sobre Hannah More, mas Hannah More nunca ouviu falar de Jane Austen, o que não chega a ser surpreendente. Apesar da popularidade de More não ter sobrevivido após sua morte, em 1833 aos 88 anos, enquanto viva, essa cristã moralista foi, sem sombra de dúvida, a mais famosa escritora inglesa.

As peças, poemas e ensaios de More foram bem sucedidos de uma maneira geral. Sua tragédia, *Percy*, teve uma temporada excepcional e foi encenada durante 21 noites seguidas em *Covent Garden*, em Londres. Ela recebeu um bom pagamento por seu poema *Sir Eldred of the Bower*, atualmente esquecido, tanto quanto *Goldsmith* por sua obra prima *The Deserted Village*. Seus livros sobre conduta e religião obtiveram êxito em vendas. Seu único romance, *Coelebs in Search of a Wife*⁵ (1809), foi um grande sucesso; 11 edições em apenas 9 meses. Ao todo, More recebeu a impressionante quantia de 30.000 libras por seus escritos. A quantidade de leitores era ainda mais impressionante. Durante a década de 1790, ela rabiscou apressadamente 50 folhetos que pretendiam melhorar a moral dos extratos intermediários da sociedade e combater a influência de Tom Paine entre os pobres. Homens e mulheres ricos distribuíram milhões desses folhetos de graça ou a preços módicos. Em comparação a ela, a produção, as vendas e a reputação de Austen eram, de fato, modestas.

Quando as novelas de Jane Austen foram publicadas, More já tinha parado de ler ficção; sendo assim, ela nunca leu *Mansfield Park*. Caso tivesse lido, a autora perceberia que o romance

² Tradução do original, em inglês: <http://www.jasna.org/persuasions/printed/number20/nardin.pdf>

³ Professora de Literatura Inglesa na Universidade de Yale. E-mail: jane.nardin@yale-nus.edu.sg. Website: <https://www.yale-nus.edu.sg/about/faculty/jane-baron-nardin/>. Jane Nardin é Professora de Inglês na Universidade de Wisconsin, Milwaukee, EUA, onde se especializou nos romances ingleses do século XIX. Seu livro mais recente é *Trollope and Victorian Moral Philosophy* (Impresso na Universidade de Ohio, 1996), ainda sem título em português.

⁴ São alunas do Ensino Médio no CEFET-MG Campus Timóteo. Conduziram esse trabalho sob orientação da professora Adriana Sales e co-orientação de Marcelle Salles em 2019.

⁵ O livro foi publicado em 1809, porém, a autora deste artigo usou como referência a publicação de 1830.



usava amplamente as ideias de seu próprio *best seller*, um manual de conselhos para os pais, *Strictures on the Modern System of Female Education*, publicado em 1799⁶. Park Honan (1987) sugere que Austen “tomou um cuidado especial ao citar trabalhos femininos sérios” em seus romances, e tinha a expectativa que seus leitores percebessem que a educação de Fanny se assemelhava muito com o modelo defendido em *Strictures* (1799).

Assim como *Mansfield Park* (1814), *Coelebs in Search of a Wife* (1844a) transformava *Strictures* em ficção. Mas os dois romances faziam isso de maneira totalmente diferente. A teoria ficcional de More e seu comprometimento com o cristianismo evangélico controlaram rigidamente as estratégias que ela utilizava como escritora. Já a abordagem de Austen à arte da ficção a deixou livre para explorar as complexidades que eram proibitivas para More.

Durante o último quarto do século XVIII, um grupo que ficou conhecido como os evangélicos buscou a revitalização da Igreja da Inglaterra. Os evangélicos enfatizavam a importância de uma conversão que traria um senso íntimo e real de Deus e seu amor. Movido pelo exemplo de seu Salvador, o cristão que passou por essa conversão desejará, acima de tudo, conhecer a Deus e servir ao homem. Para se preparar para a eternidade, os verdadeiros cristãos precisavam dedicar seu tempo para fins religiosos. Viver de modo agradável e pacífico não era o suficiente: “*É contra a árvore que não produz frutos... o servo inútil que não faz uso de seu talento,*” assim como contra o real pecador, More escreveu, que “*a pena severa é proclamada*” (MORE, 1844b: 271). Seu perspicaz senso de responsabilidade religiosa é a característica que a diferencia dos antigos evangélicos.

More defendia que o desejo de agradar a Deus era o único motivo concreto para a boa conduta. De fato, ela chega até a afirmar em *Coelebs in Search of a Wife* (MORE, 1844: p. 255) que “*toda moral que não é proveniente de uma fonte bíblica é fraca, defeituosa e vazia*”. Acima de tudo isso, então, o educador consciente precisa implantar nos seus alunos um firme compromisso para com o cristianismo. Não chega a ser surpreendente que More, que começou sua vida adulta como professora, via sua escrita simplesmente como uma forma superior de

⁶ A autora deste artigo utiliza a publicação de 1844 como referência para suas citações.

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

pedagogia, em comparação àquela a qual se dedicava anteriormente. “*A arte da poesia toca as paixões*”, MORE (1830: p. 297) argumenta, mas “*seu dever é levá-las para o lado da virtude*”. Não importava o gênero que trabalhasse, More tinha um único propósito: levar seus leitores a Deus.

Em *Strictures on the Modern System of Female Education* (MORE, 1844a), a autora argumenta que as práticas usuais do mundo *fashion* distorcem o desenvolvimento intelectual e moral da mulher. “*O sistema reinante*” ensina as jovens como “*encantar e brilhar*,” a autora escreve, valorizando apenas os talentos que irão aumentar seu valor no mercado matrimonial (MORE, 1844a: 327). A igualmente vistosa aprendizagem roteirizada em que as garotas são ensinadas “*flutuam na memória*”, mas não “*contribui para formar a mente e enriquecer o discernimento*” (MORE, 1844a: 343). Apenas “*livros de sólida instrução ... inculcados em suas mentes por meio de comentários e conversação*” pode ajudar essas garotas a progredir “*gradativamente a um maior esforço mental*” (MORE, 1844a: 343). Mas os pais devem treinar o caráter assim como o intelecto - assim sendo, princípios “*devem ser unicamente considerados como fundamentação para fazer o que é certo*” (MORE, 1844a: 340). As moças não devem ser cortejadas ou tratadas com indulgência, pois “*uma restrição precoce é especialmente importante para seu futuro caráter e felicidade. Uma restrição sensata, constante e gentil em seus temperamentos e paixões pode assegurar sua paz*” (MORE, 1844a: 339). “*A austeridade dos pais*”, contudo, pode ser tão nociva quanto a indulgência: “*leva o espírito gentil à esperteza e o severo ao desespero*” (MORE, 1844a: 338). Os pais não devem concluir que, uma vez que “*fundamentem suas filhas na religião...[eles podem] permitir que elas passem... seu tempo assim como as filhas das pessoas mundanas... Tais pais deveriam ensinar suas crianças a fazerem uso religioso do tempo*” (MORE, 1844a: 331). De fato, os pais precisam inculcar hábitos de incessante diligência, visto que a atividade é útil e necessária para a “*preciosa virtude*” e “*indispensável para felicidade*” (MORE, 1844a: 331).

Em *Mansfield Park*, a educação que Sir Thomas Bertram dá a suas filhas Maria e Julia incorpora todas as perigosas práticas que More deplora. “*Serem distinguidas pela elegância e talento*” foi o objetivo autorizado para elas na juventude” (AUSTEN, 1934: p. 463). O hábito de estudo desempenhou um papel importante em sua educação. Em uma idade em que deveriam



ter sabido mais, as garotas se orgulhavam de sua habilidade de “repetir a ordem cronológica dos reis da Inglaterra... além de uma grande parte da mitologia pagã, todos os metais, semi-metais, planetas, e filósofos ilustres (AUSTEN, 1934: 18-19). Sua Tia Norris oferecia-lhes “*excessiva indulgência e bajulação*”, enquanto a austeridade de seu pai ensinou-lhes a “*reprimir seus espíritos*” *falsamente em sua presença*” (AUSTEN, 1934: 463). Apesar de elas terem sido “*teoricamente instruídas em sua religião*” elas nunca tiveram “*o necessário para incorporar a sua prática diária*” - de fato, como Sir Thomas mais tarde concluiu, “*princípio, princípio ativo, era o que faltava*” em suas educações (AUSTEN, 1934: 463). A disciplina que só o trabalho útil poderia prover lhes faltava também. Resultaram em egoísmo, tédio, má conduta, e até à ruína - exatamente como More previra por si só.

Como Park Honan (1987) afirmou, a educação de Fanny segue as prescrições oferecidas em *The Strictures on the Modern System of Female Education* em vários aspectos importantes. Mas em iguais aspectos importantes, se difere. No início de sua estadia em Mansfield Park, Fanny aos dez anos de idade, decidiu que “*não queria aprender música ou desenho*” (AUSTEN, 1934: 19). Apesar de suas primas acharem essa decisão equivocada, isto foi de fato uma resposta inteligente para a determinação de *Sir Thomas* de que sua sobrinha deveria sempre “*se lembrar que ela não é uma Miss Bertram*” (AUSTEN, 1934: p. 10. Fanny parece perceber intuitivamente que, rivalizando com suas primas em brilhantismo e talentos, poderia pôr em perigo sua posição na família. Com o encorajamento e a orientação de Edmund, Fanny substitui um curso de sólida leitura pela busca de realizações e gradualmente adquire um compromisso firme com o princípio cristão.

Até aí, tudo certo. Mas a gentil restrição que More recomenda para as garotas é substituída, no caso de Fanny, pela repressão selvagem imposta a ela por Mrs. Norris - com a tácita aprovação de Sir Thomas. No tratamento dispensado a Fanny, eles negligenciaram o cuidado de More com a disciplina, que deve ser adaptada para o “*caráter individual de cada estudante... [que] devemos fortalecer o fraco, enquanto repelimos o ousado*” (MORE, 1844a: 338). Embora o duro tratamento tenha ensinado a Fanny o auto-sacrifício, humildade, e diligência, ela aprendeu sua lição a um alto custo psicológico.

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

Nenhum personagem feminino em *Mansfield Park* incorpora totalmente o ideal de More, pois o romance examina os efeitos contrastantes de uma educação prejudicada pela indulgência e frivolidade, e por outra marcada pelo esnobe menosprezo e disciplina draconiana. Visto por este ângulo, esta é uma história de um bem-intencionado, porém monumentalmente malsucedido professor: Sir Thomas Bertram. Ele merece pouco crédito pelo intelecto e conquistas morais de Fanny. Edmund é o responsável pelo mais bem-sucedido aspecto de sua educação, enquanto seu tio, por outro lado, é o responsável pelo dano psicológico que ela adquiriu. De fato, as falhas de Sir Thomas como progenitor norteiam a trama: a união entre Maria e Mr. Rushworth, que ele permite, termina em divórcio; as uniões que ele promove nunca acontecem; e o casamento de Fanny e Edmund, que fecha o romance, é aquela união que ele estava determinado a impedir desde o princípio, quando concordou em adotar sua sobrinha.

Seus objetivos pedagógicos impediram More de escrever um romance que focasse em um patriarca deficiente como Sir Thomas. Como ela não confia nos leitores para deduzir corretamente suas complexas ficções morais, More tanto evita como ataca a prática comum novelística de misturar boas e más qualidades em personagens que ocupam posições de autoridade social ou moral, tão presente nos romances. Protestando contra os muitos retratos dos clérigos nos quais coexiste piedade e fraqueza, autora discute que tal prática, “*diminuindo a dignidade, enfraquece a influência do personagem... Um pastor cômico não é uma exposição prudente e nem respeitável*” (AUSTEN, 1934: p. 281). A exibição é imprudente porque diminui o respeito por figuras de autoridade no geral e assim destrói a hierarquia social instituída por Deus.

O livro *Coelebs in Search of a Wife* (MORE, 1830) começa quando seu herói narrador, Charles, sai de casa para procurar uma esposa adequada. Embora ele fique em Londres, ele não corre o risco de cair de amor pelas garotas que lá encontra, por ter prometido a seu recentemente falecido pai que não iria escolher uma esposa antes de visitar Mr. Stanley, um velho amigo da família. Como produto de uma educação cristã, Charles considera o comando do pai como “lei”; a prescrição atual de seu pai na realidade “opera como um tipo de sedativo” em seu “intercurso” com o sexo oposto (MORE, 1830: 18-19). Em *Stanley Grove*, Charles se apaixona racionalmente (e tepidamente) pela filha de Mr. Stanley, Lucilla, cuja educação está de acordo

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

com o modelo defendido no livro *Strictures on the Modern System of Female Education* (1844a). Depois que Lucilla aceita Charles, Mr. Stanley revela que ele e o pai de Charles haviam planejado este casamento muitos anos antes. Desejando dar aos seus filhos “*completa liberdade de pensamento e ações*”, contudo, eles se mantiveram em segredo (MORE, 1844a: p. 488).

Para reforçar a autoridade, More coloca os pais que são totalmente bem sucedidos, e também um exemplo de educadores no centro de *Coelebs in Search of a Wife* (MORE, 1830). Para demonstrar que uma educação judiciosa pode suavizar o caminho da criança ao longo da vida, ela omite os conflitos violentos e as aventuras excitantes que os protagonistas educados imperfeitamente ou protegidos excessivamente, presentes em outros dramas, experimentaram. Pedagogos talentosos como o pai de Charles e Mr Stanley são capazes de roteirizar o desenvolvimento de seus filhos tão completamente que até a escolha de um determinado parceiro se torna previsível. Assim, juntamente com incidentes e suspense, o romance também desaparece de uma obra cuja ação principal se desdobrou sob a supervisão de pais onipotentes. Se as falhas de *Sir Thomas* como educador e casamenteiro conduzem o enredo de *Mansfield Park*, os pais ideais de *Coelebs in Search of a Wife* (MORE, 1830) garantem um romance quase sem trama - um tipo de “anti-romance”. Depois de justificar os caminhos da autoridade para seus leitores através de uma história central estática, More se permite criar vários personagens secundários divertidos, que encarnam seus negativos e cujos destinos são ocasionalmente duvidosos. Apesar de tais personagens permanecerem obrigatoriamente na periferia, eles imprimem ao livro algum humor e tensão dramática, características tão necessárias das quais o livro carece.

More sabia que estava se arriscando bastante ao promover seu “anti-romance” como um romance. “*Eu temo,*” Charles escreve no prefácio de sua estória, “[que] o leitor de romances o rejeitará como maçante... [e] irá acusá-lo de rigor excessivo” (IX). Porém, a autora apostou nas suas armas evangélicas, e sua aposta foi bem sucedida. Em *Coelebs in Search of a Wife* (1830) a autora apresentou sua teoria educacional numa forma que atraiu milhares de leitores. Numa época em que livros sobre assuntos religiosos eram amplamente lidos, seu didatismo implacável provavelmente fez às suas vendas mais bem do que mal.



Quando Cassandra Austen enviou à sua irmã uma carta elogiando o livro, sua descrição impressionou Jane desfavoravelmente. “*meu desinteresse por ele antes era meramente influenciado, mas agora é real*”, ela escreveu em resposta (24 de janeiro de 1809). Não é de se admirar. Apesar de compartilhar inúmeras visões de More sobre educação, Austen discordava violentamente da teoria ficcional que *Coelebs in Search of a Wife* exemplifica. Seus próprios objetivos como escritora eram artísticos, ao invés de religiosos. E ela confiava nos seus leitores. “*Eu não escrevo para elfos tão maçantes/ Como se não tivessem eles próprios uma grande parcela de criatividade,*” brincou ela - e ela fez valer cada palavra (20 de janeiro de 1813). O respeito de Austen pela sua audiência lhe deu a coragem para escrever *Mansfield Park*, um livro sutil, obscuro e difícil. Em sua época, essas características eram uma grande responsabilidade. Mas a posteridade tem justificado sua fé no poder da arte.

REFERÊNCIAS

Austen, Jane. *Jane Austen's Letters*. 2nd. Ed. New York: Oxford UP, 1952.

_____. *Mansfield Park*. Ed. R. W. Chapman. 3rd. ed. Oxford: OUP, 1934.

Honan, Park. *Jane Austen: Her Life*. New York: St. Martin's, 1987.

More, Hannah. *Coelebs in Search of a Wife. The Works of Hannah More*. Vol. 7. London: 1830.

_____. *Strictures on the Modern System of Female Education. The Works of Hannah More*. Vol. 1. New York: 1844a.

_____. *Thoughts on the Importance of the Manners of the Great to General Society. The Works of Hannah More*. Vol. 1. New York: 1844b.



O ROMANCE UNILATERAL DE JANE AUSTEN E TOM LEFROY⁷

Joan Klingel Ray⁸
Adriana Sales Zardini (tradução)⁹

A ânsia de introduzir um romance apaixonado na vida de Jane Austen - seja com o jovem irlandês Tom Lefroy ou com outra pessoa - não é novidade. Em uma palestra proferida em 1925, na Sociedade Real de Literatura dos Estados Unidos sobre a "lacuna" na produtividade literária de Austen entre 1797 (Primeiras Impressões) e o "dilúvio" de romances após 1811, H. W. Garrod advertiu sensatamente:

Os biógrafos de Miss Austen procuraram a explicação do mistério em um caso de amor. Mas talvez uma explicação mais simples [seja]. . . que, apesar de ter escrito seus três primeiros romances até o final de 1798, não havia encontrado uma editora para nenhum deles até 1811. Um gênio, o mais fértil, necessariamente sente seus ardores bastante amortecidos pelo infortúnio de três filhos natimortos. (GARROD, 1935: 27-28)¹⁰

Com o lançamento do filme “Amor e Inocência” pela Miramax, em 2007, essa especulação se espalhou pelo mundo dos fãs de Austen para o público do cinema. Muitos cineastas podem acreditar que não apenas Lefroy era o “muso” romântico de Austen, mas também que ele mantinha um lugar em seu coração. No final do filme, Tom Lefroy, mais velho e grisalho, se reúne com Jane Austen, que se parece mais com George Eliot, e diz à romancista que sua filha adolescente que o acompanha se chama "Jane", levando Lefroy e Austen a olharem

⁷ Texto publicado originalmente em inglês, na Revista Persuasions Online, disponível em: <<http://www.jasna.org/persuasions/on-line/vol28no1/ray.htm>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2020.

⁸ Joan Klingel Ray (email: jray@uccs.edu) é professora de inglês e pesquisadora da Universidade do Colorado, em Colorado Springs, Presidente dos amigos norte-americanos da Chawton House Library. Foi Presidente da JASNA (Jane Austen Society of North America) de 2000 a 2006.

⁹ Adriana Sales Zardini (email: aszardini@gmail.com) é doutora em Estudos Linguísticos pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), professora de inglês no CEFET-MG (Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais) e Presidente da JASBRA (Jane Austen Society of Brazil) desde 2009.

¹⁰ Enquanto Garrod observa a ‘falta’ de produção literária de Austen entre os anos que escreveu “Primeiras Impressões” (Orgulho e Preconceito - 1797) e as publicações de Razão e Sensibilidade (1811), Spence, obviamente, entende o começo de escrita de “Primeiras Impressões” em 1796 como uma centelha de criatividade que foi iluminada pelo relacionamento entre Austen e Lefroy.

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

um para o outro de maneira significativa - apesar de a avó da jovem Jane Lefroy se chamar sra. Jane Paul (LEFROY, 1871: 15,16, 18)¹¹.

O Filme da Miramax foi inspirado no romance *Becoming Jane Austen* (2003) de Jon Spence que, por sua vez, foi influenciado pelo livro de Robinson Walker *Jane Austen and Tom Lefroy Stories* (2006). Walker (2006) também acredita na ideia de que Austen pensava sobre Lefroy com romântica melancolia no final de 1805 — uma ideia que o autor reconhece ter sido concebida por Nadia Nahmias-Radovici no livro *A Youthful Love: Jane Austen and Tom Lefroy* (1995)¹².

Ao fazer uma pesquisa a respeito de Tom Lefroy - sobrinho de Madame Lefroy - a amável mentora e amiga de Austen para escrever um artigo para a revista *Notes and Queries* (2006), comecei a questionar a extensão da relação entre Austen e Lefroy e percebi que ele foi um jovem de caráter inquestionável e forte ambição profissional, cujo coração pertencia a outra moça na época em que conheceu Jane Austen¹³. Este artigo desenvolve a ideia inicial que apresentei em 2006, e também oferece alguns dados novos. As premissas que nos orientam são que Lefroy era um jovem de princípios e bastante envolvido com uma jovem irlandesa, irmã de

¹¹ O *Memoir of Chief Justice Lefroy* escrito por seu filho, que de agora em diante passa a ser citado apenas como *O Memoir*. Ao estudar *O Memoir*, interpretei (o chefe de justiça) Tom Lefroy se lembrar da juventude e do “amor juvenil” por Austen como outro exemplo de gentileza e princípios, adjetivos que sempre foram usados para distingui-lo em sua juventude, como é a intenção desse artigo demonstrar. Consultar Helen Lefroy (2003, 11) para confirmar a citação “amor juvenil”.

¹² Spence argumenta que ao ler *Tom Jones*, Austen empoderou sua escrita, e ele atribui a Lefroy as características “intensa vitalidade e paixão” mencionadas em *Orgulho e Preconceito* (AUSTEN, 1933: 102-103). Quanto a “paixão” do romance, devo lembrar aos leitores que Darcy inicialmente ama Elizabeth por “vivacidade de sua mente” (AUSTEN, 1933: 380), enquanto Elizabeth ama Darcy após ela sentir “gratidão e estima” por ele (AUSTEN, 1933: 279). A lista de livros que Spence cita não contém *O Memoir*. Nahmias-Radovici sugere que Lefroy foi a inspiração romântica de Austen, o que possibilitou a escrita de *Abadia de Northanger* e *Persuasão*. Walker mantém suas análises independentemente daquelas apresentadas por Spence e Nahmias-Radovici de que o casal Austen-Lefroy “tiveram um longo relacionamento” e uma “união ainda mais intensa do que se imaginava).

¹³ Walker questiona algumas afirmações em meu ensaio, os quais ela menciona em publicações como a lista de “trabalhos citados” e “The Real Tom Lefroy” (o título do ensaio escrito por Helen Lefroy para o periódico *The Jane Austen Society Report 2003*). Para verificar o questionamento dela sobre o fato de eu chamar Mary Paul de “herdeira”, veja o nº 7 do Ensaio NQ, citando o DNB. Mary Paul, no entanto, não era herdeira quando se casou com Tom Lefroy – só veio a se tornar herdeira somente após a morte do irmão dela, logo depois do casamento. Para o questionamento dela sobre a minha afirmação de que Lefroy conhecia sua futura esposa, Mary Paul, por pelo menos dois anos antes dele conhecer Austen, veja este Ensaio e a nota nº 12, abaixo. Mesmo tendo usado o livro de Nahmias-Radoci, Walker, surpreendentemente, não questionou a mesma afirmação feita pela autora.

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

seu amigo íntimo de faculdade, para brincar ou perseguir Austen; e a jovem e excessivamente exuberante Jane Austen (com desculpas aos meus colegas fãs de Austen) interpretou mal as intenções de Lefroy. Tom Lefroy é assim culpado da acusação feita por sua tia, Madame Lefroy, de "se comportar tão mal com Jane Austen" (LE FAYE, 1995: 336-338).

Possivelmente, a conexão entre Austen e Lefroy deve ter começado quando Jane menciona o contato que eles tiveram. Com data entre os dias 9 a 10 de janeiro de 1796, de jeito provocativo, sua carta informa à irmã, Cassandra, a respeito de como ela e seu amigo irlandês, “de maneira esbanjadora e chocante dançavam e permaneciam sentados juntos” em três bailes no fim do ano. Porém, ela mesma admite: “mas, além dos nossos três bailes, não posso dizer muita coisa”, enfatizando o contato mínimo que tiveram. Observando que Tom "fugiu quando nós [provavelmente Austen e sua mãe] solicitamos notícias para a Sra. Lefroy há alguns dias", ela assume que ele "tem vergonha de vir a Steventon". Alguns dias após o incidente, Tom aparece em Steventon, acompanhado por seu primo adolescente, George Lefroy.

Em uma carta de Austen para a irmã, datada de 14-15 de janeiro de 1796, ela diz o seguinte: “espero receber uma proposta do meu amigo até o final da noite (por exemplo: no quarto baile em Ashe, casa dos Lefroy). Devo recusá-lo, a menos que ele prometa se desfazer de seu casaco branco” – referindo-se à escolha do alfaiate de Tom, que reflete o próprio Tom Jones vestindo um casaco branco. Na carta anterior, ela observou que Tom é um "grande admirador" de Tom Jones (embora Lefroy possa ter sido um admirador do imprudente herói do romance de Fielding, esse artigo demonstrará que ele foi um jovem bastante prudente). O que podemos dizer a respeito de um “convite”? Como a primeira carta de Austen revelou, os dois tiveram pouco ou nenhum contato além dos bailes. Com Tom fugindo de Ashe na ocasião da visita das Austen e, logo em seguida, visitando Steventon, acompanhado de seu primo George, alguns dias depois, um “convite” para um baile parece muito mais provável do que um pedido de namoro. Baseado nos poucos contatos que tiveram, se Austen não estiver fazendo graça nessa carta, ela deveria estar esperando muito mais de Tom Lefroy do que ele sequer pudesse imaginar.

Primeiramente, temos a breve, e para alguns tentadora, carta de 23 de agosto de 1796 que Austen enviou para sua irmã, escrita na propriedade da rua Cork, em Londres. Austen e



seus irmãos Frank e Edward se hospedaram algum tempo nessa residência, quando fizeram uma viagem de Steventon até Godmersham, propriedade de Edward. Embora Austen não tenha mencionado Lefroy nessa carta, o tio avô de Tom, Benjamin Langlois, viveu em uma casa em Cork Street (SPENCE, 2003: 98 – 99). Tom viveu com o Sr. Langlois enquanto completava seus estudos na área de direito. Spence (2003) racionalmente presume que Austen e os irmãos estiveram na casa do Sr. Langlois porque não havia hotéis naquela rua. Porém, na breve carta de Austen, “já começo a achar que minha moral está corrompida” – pode não haver relação com a estadia deles na casa de Tom em Londres, aludindo à sua presença masculina. É pouco provável que Tom estivesse lá em agosto já que o tribunal Lincoln não estava aberto: o semestre em Trinity College terminou em 15 de junho e o próximo só começaria em 6 de novembro (WARR, 2006). Os estudantes irlandeses normalmente voltavam para as casas de seus pais nas casas na Irlanda durante essas férias prolongadas (HUTCHINGS, 2006).

Em seguida, em uma pequena nota, Austen diz que está em Londres: uma “cena de dissipação e vício” - estaria em voga com a convenção literária popular de que a cidade é um covil de iniquidade, enquanto o restante do país é um lugar de inocência¹⁴. A visão de Londres como uma cidade moralmente sedutora é bem explícita na carta escrita pelo tutor de Tom Lefroy, da Trinity College, o Reverendo Dr. Burrowes (posteriormente conhecido como Reitor de Cork), datada de 21 de abril de 1795: “De sua conduta (Tom) em Londres, você não precisa ter a menor dúvida, por mais que seduza sua ociosidade e seus males (LEFROY, 1871: 14)¹⁵.

A última referência epistolar de Austen a respeito de Tom foi escrita em uma carta datada entre os dias 17-18 de novembro de 1798. A carta indica que Madame Lefroy sabia que

¹⁴ Por exemplo, em *Tom Jones*, as experiências de Jones em Londres conduziram-no a uma grande queda: ter se tornado o “criado” da já então senhora Lady Bellaston.

¹⁵ Enquanto Walker acredita que a nota breve que Austen enviou de Cork Street está baseada no seu nervosismo por estar na casa de Langlois, de quem desejava receber aprovação para tornar-se a noiva de Lefroy, a carta reduzida pode ser facilmente creditada ao fato de Austen estar cansada após ter viajado o dia inteiro – do mesmo modo que fazemos uma ligação curta nos dias de hoje sob as mesmas circunstâncias. E quanto à indagação de Walker sobre a presença das três Austen em Astley Circus naquela noite: a famosa hípica sem sombras de dúvidas era muito mais excitante do que qualquer atração em Steventon.



seu sobrinho irlandês não estava interessado romanticamente em Jane Austen. Austen escreveu que “do sobrinho (Madame Lefroy) não disse nada”, e o mais comovente é que ela “era orgulhosa demais para fazer qualquer pergunta” – o que demonstra que Austen tinha muito mais interesse em Lefroy do que ele nela. Quando o Reverendo Austen (pai de Jane) pergunta sobre Tom, eles recebem notícias de Madame Lefroy dizendo que “ele voltou para Londres ao retornar da Irlanda, onde foi convocado para exercer a profissão”. Madame Lefroy mostra à Austen uma carta enviada pelo Reverendo Samuel Blackall, um rapaz de vinte e sete anos, da Cantábria, na qual ele menciona a família Austen – de um modo bem parecido com Mr. Collins! – sugerindo que Madame Lefroy tinha intenção de unir Austen a Blackall. Madame Lefroy convidou Blackall para uma visita à propriedade Ashe para as celebrações de fim de ano (1797-98) e, assim, apresentou o rapaz à sua querida vizinha de Steventon (LE FAYE, 2006: 204). Porém, na mesma carta, Austen reconhece que eles eram indiferentes um ao outro¹⁶. A questão é que Madame Lefroy apresentou e facilitou a amizade entre Austen e Blackall em dezembro de 1797, justamente um ano após ela ter hospedado Tom em sua casa. Não parece que Madame Lefroy desejava comandar Steventon sozinha ao invés de elevar o nome de Tom Lefroy? (Permita-me dar um palpite: há alguma semelhança entre Madame Lefroy em Emma Woodhouse, a casamenteira).

Alguns ansiosos por unir Austen e Lefroy também citam uma carta de Austen para Cassandra (8 a 11 de abril de 1805), escrita em Bath, ao mencionar que “Jane e Tom podem ter se encontrado novamente em Bath” (NAHMIAS-RADOVICI, 1995; WALKER, 2006):

Richard Chamberlayne e um jovem Ripley da escola de Mr. Morgan, estiveram aqui; e tudo correu bem nessa visita. Nesta manhã pudemos ver Miss Chamberlayne cavalgando. Há sete anos e quatro meses fomos à mesma hípica para ver a performance de Miss Lefroy! — Que grupo diferente somos agora! Mas, acho que sete anos são suficientes para mudar cada poro de nossa pele, e todo os nossos sentimentos.

¹⁶ Após contar para Cassandra sobre o trecho de Blackall onde ele menciona a família Austen, incluindo suas desculpas por não poder visitá-los, Austen escreveu “isso é bastante racional; há menos amor e mais razão nisso do que antes, e estou muito satisfeita. Tudo ficará bem, de um modo derradeiro, porém, bastante racional”.



Muito menos emocionante do que suspeitar que Lefroy esteve em Bath com Austen "sete anos e quatro meses atrás" é conjecturar que, durante esse mesmo período, Austen e sua família viram Lucy Lefroy cavalgando em Bath na companhia de sua mãe, Madame Lefroy. No aniversário de Jane Austen, em 1804 (Lucy agora casada com Henry Rice, outra grande mudança desde que Lucy esteve em Bath), Madame Lefroy morreu em um acidente a cavalo. Austen mostrou o quão profundamente esse evento a afetou escrevendo um poema afetuoso, "Em memória de Mrs. Lefroy", em 1808 - quatro anos após a morte de Madame Lefroy (AUSTEN, 1993: 440-442). Claramente, Austen tinha sentimentos profundos por outro membro da família Lefroy além de Thomas.

Como pudemos observar, algumas pessoas estudam as cartas de Austen para desenterrar um romance apaixonado e duradouro entre Austen e Lefroy – romance esse que poderia ter influenciado sua escrita. Porém, as cartas de Austen realmente não nos dizem muito a respeito de Tom Lefroy - exceto que ele fugiu das damas da família Austen e que ela acha que ele tem "vergonha" de visitá-la - em termos de seu caráter (real). Para entender os eventos da vida de Tom e sua natureza (real), precisamos recorrer ao *Memoir of Chief Justice Lefroy*¹⁷ (livro de memórias do chefe de justiça) de 1871. Enquanto o autor é Thomas Lefroy, filho de Tom Lefroy das cartas de Austen, pode levar a pensar que esta biografia é escrita com o mesmo "preconceito familiar" que Gardiner suspeita quando ouve Mrs. Reynolds elogiar Darcy (AUSTEN, 1933). O livro de memórias inclui cartas sobre o personagem e os planos de carreira de Tom, escritos pelo tutor de Tom em Trinity College, o Reverendo Dr. Burrowes - que foi apresentado anteriormente, bem como por seu tio-avô Benjamin Langlois e por outros que conheceram e testemunharam o comportamento de Tom durante o final da sua adolescência e até os vinte e poucos anos¹⁸. As cartas nos dão uma imagem objetiva de um jovem piedoso, de princípios, responsável e ambicioso, que não teria "iludido" uma jovem - confirmando assim os elogios que Thomas Lefroy (filho) estende ao pai.

¹⁷ Após a apresentação do título completo desse livro, optamos por usar apenas *Memoir* para se referir à biografia escrita pelo filho de Thomas Lefroy e publicada em 1871.

¹⁸ As cartas de Langlois foram replicadas para seu sobrinho Coronel Lefroy (pai de Tom) e para o Reverendo Dr. mencionando o progresso de Tom em Trinity College.



Por exemplo, Langlois elogia Thomas, como gostava de chamá-lo, em uma carta para seu sobrinho, o pai de Tom. Escrita em 22 de novembro de 1790, “*imediatamente após a entrada de Tom na Trinity College*”, Langlois enfatiza que apesar de ser jovem (quinze anos)¹⁹, Tomas era “*um jovem tão maduro para sua idade*” que ele tinha certeza de que seria bem sucedido (LEFROY, 1871: 6). As cartas subsequentes de Langlois, impressas no *Memoir*, acompanham a carreira de Thomas e suas ambições no direito. Ao escrever novamente para o pai de Tom, em 20 de novembro de 1791, Langlois menciona que Thomas é um aluno assíduo com “*talento e disposição*” para alcançar o “*sucesso*”. (LEFROY, 1871: 7). Em outra carta (10 de dezembro de 1792), Langlois elogia Thomas por “*manter a liderança em tão distinta classe*” na faculdade e por ter “*tudo em seu temperamento e caráter que possa combinar com afeição. Um rapaz de bom coração, inteligente, de bom senso, e que possui muito pouco a ser corrigido, bem diferente dos jovens de sua idade*” (LEFROY, 1871: 8). De fato, Tom foi líder e foi reconhecido entre os estudantes, tendo recebido “*medalhas de ouro da sua turma*” (LEFROY, 1871: 12)²⁰.

E quanto à vida íntima de Tom, além da vida acadêmica? Se levarmos em consideração o *Memoir*, é bem provável que Tom já tivesse encontrado e pensando seriamente a respeito da mulher com a qual desejava se casar, Miss Mary Paul, enquanto estudava em Trinity College e pelo menos dois anos antes de se encontrar com Jane Austen. Como pude observar no artigo, Tom desenvolveu “*uma amizade fervorosa com um colega durante o curso de direito*”, Mr. Thomas Paul, (LEFROY, 1871: 14): - período entre novembro de 1790 e abril de 1795 (p. 12)²¹. O *Memoir*, da mesma maneira, mostra que “*durante o curso de direito*”, Lefroy visitou

¹⁹ Embora Tom fosse um brilhante estudante, não podemos considerá-lo um prodígio por ter entrado na faculdade tão jovem; muitos estudantes capacitados também conseguiram cursar as disciplinas de Grego e Latim para serem admitidos na faculdade quando tinham entre 14 a 16 anos. Devemos lembrar que em *Razão e Sensibilidade*, Edward Ferrars conta a Elinor : “eu não entrei em Oxford antes de completar 16 anos” (AUSTEN, 1933: 362) – indicando que ele se matriculou um pouco mais velho, embora Tom tivesse conhecimento linguístico para entrar em Trinity College antes dos 15 é obviamente um sinal da sua diligência e inteligência incomum.

²⁰ Walker cita algumas dessas frases em seu ensaio, mas não faz uma análise ou as relaciona ao comportamento de Tom quando ele esteve em Ashe e se encontrou com Jane Austen.

²¹ Se os dois tivessem se encontrado no final de suas graduações, o biógrafo e filho meticuloso de Lefroy teria dito isso.



a família de Paul, que ainda morava na Irlanda, “e, rapidamente, um interesse mútuo surgiu entre ele e a filha de Mr. e Mrs. Paul (Mary)”, de quem ele ficou noivo em 1797, (LEFROY, 1871: 14-15).

Levando em consideração o que nos é apresentado no *Memoir*, Tom não se parece com Edward Ferrars, sendo tolo ao firmar compromisso com uma jovem antes de ter planos para sua carreira – como foi o caso do personagem: após ter saído da escola de Mr. Pratt há apenas um ano (*Sense and Sensibility*, 1811). Diferentemente de Edward, Tom possuía ambições profissionais antes de pretender se casar. Para atuar nos tribunais irlandeses, um advogado com boas perspectivas deveria manter contato com pelo menos um dos tribunais em Londres (HUTCHINGS, 2007). Então, Tom assinou o livro de registros na corte Lincoln em 11 de outubro de 1793, bem antes de sua presença física, que começou no final de 1795 (LEFROY, 2003: 11). Em 1794, enquanto frequentava Trinity College, ele também se registrou na corte King, em Dublin (Hogan, *on-line*). Durante uma estadia na corte Lincoln, entre os meses de abril a junho de 1797 – exatamente quatorze a dezesseis meses após seu encontro com Austen – ele retornou à Irlanda para se registrar na corte irlandesa, consolidando, assim, sua escolha profissional (LEFROY, 1871: 20). Durante essa visita, Tom oficializou seu noivado com Mary Paul, confirmando sua escolha pessoal. É razoável dizer, então, que ele conhecia Mary há pelo menos dois anos, antes do noivado na primavera, em 1797²² – bem antes de seu encontro com Jane Austen (LEFROY, 1871).

O noivado de Tom e Mary, em 1797, explica porque ele literalmente saiu correndo de Ashe quando as jovens da família Austen o convidaram, em janeiro de 1796. Pensando em

²² Não sou a única a raciocinar que Tom Lefroy conheceu Mary Paul alguns anos antes de conhecer Austen. A conclusão de Nahmias-Radovici é semelhante à minha, embora tenhamos chegado à mesma conclusão de maneira independente: “Já que [Mary Paul] era irmã do colega de faculdade [Tom Lefroy], Tom Paul, é bem provável que ele conhecesse Mary há muitos anos e ele teria a convicção de que ela seria uma amantíssima esposa e mãe” (NAHMIA-RADOVICI, 1995: 56-57). Entretanto, eu discordo plenamente totalmente da afirmação de Nahmias-Radovici de que Tom, já casado e pai, escreveu cartas para sua esposa e filhos (reproduzidas no *Memoir*) que expressavam sua religiosidade, tais expressões seriam resultado de seu sentimento de culpa por seu tratamento juvenil dispensado à Jane Austen e sua tentativa de “evitar memórias preciosas e dolorosas, remorsos que poderiam assombrar seus pensamentos” (NAHMIA-RADOVICI, 1995: 58). O livro de Nahmias-Radovici não contém citações das páginas iniciais do *Memoir*, onde foram mencionados os princípios religiosos de Tom, durante a sua juventude.

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

Mary Paul, que o conheceu quando ele estudava direito e que logo desenvolveu um vínculo, Tom, um rapaz cheio de princípios, não queria enganar Jane Austen, que como ele mesmo já deveria perceber, estava interessada nele. Tom não pôde deixar de notar esse interesse: Austen escreveu em uma carta (9 a 10 de janeiro de 1796) que os Lefroys, moradores de Ashe, estavam rindo de Tom quando seu nome era mencionado²³. Sua visita a Steventon, na companhia do primo George, alguns dias depois, sugere que Madame Lefroy deu ordens ao sobrinho para fazer uma visita de cortesia aos Austen após sua partida repentina e indelicada alguns dias antes. Mas, por que levar George como um segurança? O comportamento de Tom em relação à Austen não é de um homem apaixonado. Jane Austen não era parecida com o retrato que a mãe de Mary Russel Mitford a descreveu – “*a mais linda, idiota, e afetada, caçadora de maridos que ela já viu*” (L’ESTRANGE, 1870) — Tom deve ter se sentido desconfortável ao perceber que a dança e a cortesia da conversa foram mal interpretadas pela jovem esbelta e sedutora em questão, assim como pela provocadora Ashe Lefroy²⁴. A reação do Tenente-coronel J.A.P. Lefroy a esses eventos é semelhante à minha: “*Quão sério foi isso? Infelizmente, temos apenas*

²³ A carta de Austen falando que Tom “era tão envergonhado em Ashe, que ficou constrangido ao visitar Steventon” me lembra Mrs. Jennings fazendo gracinha com Elinor a respeito dos nomes que começavam com F, em Razão e Sensibilidade. Imagine Tom ficando tão irritado quanto Elinor. Enquanto Walker afirma que “Tom estava... se comportando como um homem interessado em uma mulher (por exemplo, Jane Austen)”, no entanto, sugiro que essa mulher fosse Mary Paul. Do mesmo modo, Walker sugere que os Lefroy provocando Tom “deve tê-lo irritado por ser verdade”. Seu meu argumento é lógico, então Tom estava irritado pela provocação sem fundamento já que os Lefroy, moradores de Ashe, não sabiam de seus planos de prática da carreira legal na Irlanda e de sua intenção de pedir Mary em casamento. Walker também diz que “já que Tom tinha a reputação de ser sociável, não condiz com a imagem de um rapaz que fosse tímido e envergonhado” – isso foi inferido por Benjamin Langlois ao mencionar o caráter “vencedor” de Tom em uma carta que escreveu ao pai do rapaz, além de acrescentar “seu prazer... por estar na companhia de Tom” – elogios esses foram fundamentos a partir da observação do comportamento de Tom enquanto estudou em Trinity, um bastião da camaradagem masculina (LEFROY, 1871: 13).

²⁴ O comentário está na carta de Mary Mitford enviada a Sir William Elford (3 de abril de 1815). A mãe de Mary Russell Mitford chamava-se Miss Russel (1750-1830), filha do Reverendo Richard Russell, reitor de Ashe, localizada a apenas duas milhas da reitoria de Steventon, casa dos Austen, até sua morte em 1783. Após a morte de seu esposo, Mary desocupou as dependências da reitoria em Ashe e se mudou para Alresford (dez milhas de Alton, em Hampshire, onde Mrs. Russell morreu em 1785, deixando sua única filha viva, Miss Mary Russell, agora com 35 anos de idade, herdeira da fortuna deixada por seu esposo. Mary Russell logo se casou com George Mitford de Alresford em 17 de outubro de 1785. Mary Russell Mitford nasceu dois anos após o casamento dos pais. Entre os anos de 1795 e 1796, os Mitfords mudaram-se de Hampshire para Surrey. Então, a Mary Russell Mitford, a “mamãe” a quem Miss Mary Russell Mitford se refere, viveu em Ashe até quando Jane Austen tinha oito anos de idade e viveu nos arredores de Hampshire até Austen completar vinte anos (L’ESTRANGE, 1870).

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

um lado da história – o de Jane. Por meio das cartas que restaram, parece bastante claro que ela fez toda fuga” (LEFROY, 1979: 152)²⁵. É preciso levar em consideração também que, com Cassandra agora noiva de Tom Fowle, sua irmã mais nova pode ter sofrido alguma pressão, até autoinduzida, para que encontrasse um noivo, levando-a a se comportar perante Tom Lefroy e escrevendo para a irmã a respeito do rapaz de modo excessivamente exuberante. Não é de se admirar que Tom fugisse.

Retomando uma carta de Jane (17-18 de novembro de 1798), podemos entender que Austen percebeu o plano de Tom de exercer a prática na Irlanda durante a visita de Mrs. Lefroy na quarta-feira, dia 14 de novembro de 1798. Aparentemente, então, Tom não achava necessário contar à Austen sobre suas ambições e atividades para o futuro enquanto eles conversavam e dançavam – nos encontros que sucederam entre dezembro de 1795 e janeiro de 1796. E por que ele? Ele planejava voltar à Irlanda para pedir Mary em casamento. E ser parceiro de dança por quatro dias durante as festas de final de ano não significava um interlúdio romântico para Tom Lefroy.

O compromisso firmado na primavera de 1797 e o registro na corte irlandesa também afetam nossa compreensão a respeito da reminiscência de Austen de “*sete anos e quatro meses atrás*” (isto é, janeiro de 1798) na carta escrita em Bath em 1805. O *Memoir* afirma que Mary preservou todas as cartas que recebeu de Tom, começando pelas escritas após o noivado, na primavera de 1797, depois que ele voltou a Londres para continuar seus estudos jurídicos até 1799. O desejo do casal em manter correspondência fica bastante evidente quando descobrimos que antes de Tom exercer a prática na corte Irlandesa em 1800, ele permaneceu devotado “*ele mesmo... na perseverança de estudar direito*” na corte Temple em Londres, ainda “*morando com seu tio avô Mr. Langlois*”, mas agora, como um rapaz comprometido, recebia cartas de

²⁵ J. A. P. Lefroy continua, “ela evidentemente estava atraída por Tom – mas ela teria se Casado com ele?” – Ela disse não (por exemplo, em suas observações nas duas primeiras cartas, particularmente na segunda, onde ela escreveu, “chegará o dia em que terei que flertar pela última vez com Tom Lefroy, e quando você receber essa carta isso já terá acontecido estou em lágrimas enquanto escrevo, de tão melancólica que estou com essa ideia (14-15 de janeiro de 1796) – mas ficamos sem saber se ela “não brigou muito). Eu, particularmente só tive acesso ao artigo de J. A. P. Lefroy somente após meu artigo ter sido publicado no NQ. Fico feliz em perceber que concordamos em diversas questões.



Mary (LEFROY, 1871: 15, 20). Considerando que em uma carta (21 de abril de 1795), apenas oito meses antes de Lefroy se encontrar com Austen para os bailes de fim de ano e na mesma época que ele estudava em Trinity College), o Reverendo Dr. Burrowes escreveu dizendo ter “*profundo conhecimento dos hábitos e disposições de Tom*”. Assim, podemos atestar que o jovem Lefroy com 19 anos de idade era “*talentoso e diligente para as questões judiciais*”, “*com princípios religiosos*” e “*apenas ambição*” de exercer advocacia na Irlanda (LEFROY, 1871: 13,14). Se Tom tivesse se envolvido com Jane Austen em Bath no início de 1798, enquanto escrevia cartas para sua noiva, ele teria traído as duas moças em questão, e tal comportamento contradiz o jovem prudente e cheio de escrúpulos que é citado no *Memoir*.

Burrowes tinha uma posição privilegiada para avaliar o caráter de Tom. Ele foi o tutor do rapaz durante toda sua experiência em Trinity College (novembro de 1790 a abril de 1795), e Tom viveu com a família de Burrowes durante esse período, fazendo com que Burrowes considerasse Tom como “*um filho ou um irmão*” (21 de abril de 1795). Os anos que Tom estudou em Trinity College corroboraram para que Burrowes fizesse uma avaliação brilhante de seu aluno quando este estava próximo de se graduar. Tom era tão participativo na Sociedade Histórica da faculdade que ele conduziu proativamente, em dezembro de 1794, uma “*série de resoluções*” para fundar uma nova sociedade histórica da faculdade com a finalidade de substituir a primeira que fora dissolvida em 1790 por causa dos debates que envolviam “*a violação da disciplina na faculdade*” (LEFROY, 1871: 12). Ele deve ter sido um orador persuasivo e estudante respeitado quando encaminhou os documentos para a sociedade, já que foi prontamente aceito. Além de receber quatro prêmios da Sociedade Histórica (um por História e outros três por oratória em 1793, 1794 e 1795), Tom realizou todos os exames da faculdade “*recebendo as mais altas condecorações a cada ano*” (LEFROY, 1871: 12).

O comportamento de Tom durante o período em que esteve em Lincoln's Inn – especificamente durante o período que teve contato com Austen, quando ele esteve presencialmente na Corte de Inn no fim de 1795 – não foi diferente do que viveu em Trinity. Ele normalmente se dedicava aos estudos legais, o que representava uma preferência pessoal de grande importância. Quero dizer, aqueles dias que trabalhou no tribunal Inn não foi a mesma



experiência que ele teve durante as aulas formais de direito. Citando um e-mail do bibliotecário da corte de Inn, Helen Lefroy destaca que:

É uma exigência que os estudantes irlandeses concluam oito refeições comuns... “manter refeições” significava se alimentar o número suficiente de vezes durante os feriados de páscoa, Trinity e São Miguel... De qualquer modo, as quatro cortes de Inn também não ofereciam treinamento legal nesses períodos. Jovens aspirantes a advogados podiam participar das audiências, examinar e estudar os livros disponíveis, consultar os casos para se prepararem para a prática forense, ou trabalharem como aprendiz no escritório de um advogado (LEFROY, 2003: 13).

As preparações para as provas legais da ordem, para obtenção do título de advogado, obviamente eram uma questão de investimento pessoal. É claro que alguns jovens, mesmo tendo cumprido a carga horária de prática nas cortes, nunca se tornaram advogados. Austen criou um personagem assim: George Wickham. Na carta de Darcy para Elizabeth ele confirma que Wickham “*tinha alguma intenção... de estudar direito... em Londres*” (por exemplo, em uma das cortes de Londres), porém “*o interesse dele em estudar direito era apenas uma pretensão*” já que “*vivia uma vida de ociosidade e dissipação*” (AUSTEN, 1933: 200-201). Curiosamente, o filme *Becoming Jane* mostra um estudante de direito Tom Lefroy sob esse mesmo disfarce – brigando em um beco, bebendo e se divertindo com prostitutas, e correndo até o tribunal – no início do filme, que menciono nas notas de produção no website do filme (RAY, 2007).

O Tom Lefroy real, entretanto, estava “*diariamente em Westminster Hall, onde*” ele assistia assiduamente “*as cortes presididas por homens como Lord Eldon e Lord Kenyon*” que “*ele... deixou uma ampla coleção de ensaios manuscritos e anotações de leituras de vários autores notáveis sobre direito comum e igualdade*”, escritos na época enquanto frequentava o tribunal de Lincoln’s Inn, que deveriam ser valiosos – mesmo entre os demais registros existentes (LEFROY, 1871: 20). Como estudante, ele “*possuía uma reserva de conhecimento com a qual poucos estudantes eram dotados ao iniciarem suas carreiras profissionais*” (LEFROY, 1871: 20). Essa coleção de manuscritos, de tamanho considerável, mantida durante a estadia de Lefroy em Lincoln’s Inn, testifica a avaliação de Lefroy Junior a respeito dos hábitos de estudos excepcionalmente diligentes de seu pai.

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

A perseverança incomum de Tom como estudante de direito valeu a pena. Um dos amigos de Tom, Charles D. Hoare, escutou o jovem rapaz de vinte e cinco anos proferir (agora atuante no tribunal irlandês, argumentar na corte de Dublin) um “*mandado de erro perante a Câmara do Tesouro*” em novembro de 1801 (LEFROY, 1871: 21). De acordo com a carta de Hoare para o Coronel Lefroy, Tom, após discursar por duas horas (lembre-se das medalhas de oratória que recebeu em Trinity), sendo perdoado por Lord Clare por usar muito tempo do tribunal, obteve a única resposta de Lord Clare “*Mr. Lefroy, você não tem motivos para lamentar, por ter discursado a respeito do caso com mais incomum²⁶ precisão e grande satisfação da corte*”. Além disso, o juiz do tribunal irlandês comentou que a apresentação de Lefroy naquele dia “*foi a mais brilhante jamais proferida na corte irlandesa*” – confirmando o comentário, feito por meio de uma carta de Burrowes, seis anos antes (abril de 1795), ao escrever que “*nenhum jovem deixou nossa faculdade com tamanho caráter*”, muito menos com tantas medalhas (LEFROY, 1871: 13, 21, 22). Como o filho e biógrafo de Tom Lefroy modestamente comentou sobre seu próprio pai cujas habilidades legais eram únicas e brilhantes: “*seus hábitos de aplicação enquanto estava em Temple (por exemplo, em Londres) parecem ter dado frutos precocemente*” (LEFROY, 1871: 21).

Com Tom atingindo sua ambição em praticar a lei forense na Irlanda, nos voltamos àqueles que acreditavam que Austen, sendo inglesa, era um “ponto a seu favor” em termos de obter a aprovação de Langlois. Walker (2006) disse que Langlois “*não gostava da Irlanda*” e “*constantemente tentou atrair Tom para a Inglaterra*”. Walker também observa que, em 1763, Langlois chamou os irlandeses de “*selvagens*” em uma carta ao Duke de Portland. Então, por que Tom voltaria para a casa de Langlois com a finalidade de se preparar para os exames legais em Temple, após a primavera de 1797, depois de ter se registrado na corte Irlandesa e ter oficializado o noivado com a irlandesa Mary?

O *Memoir* comprova que Langlois deseja Tom na Inglaterra por uma questão de amizade, não por causa de uma pretendente (noiva):

²⁶ Nota da autora: “meus itálicos são para enfatizar que Tom Lefroy se destacou no tribunal, assim como o fez em Trinity e Lincoln’s Inn”.

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

Depois da ideia de enviar Tom para uma universidade Inglesa, o desejo de Mr. Langlois era que o rapaz se candidatasse a uma orientação e bolsa de estudos na Universidade de Dublin, nós naturalmente acreditamos que a sugestão de um parente tão influenciável, que possui imenso interesse no bem estar do rapaz, deve ter tido um grande , mas não fez com que [Tom] desviasse sua atenção para a corte Irlandesa enquanto local para seus trabalhos futuros (LEFROY, 1871: 5).

Se Langlois não queria que Tom ficasse na Irlanda em meados de 1790 (30 anos após ter feito o comentário sobre os irlandeses “selvagens”), por que ele indicou a Tom que procurasse um orientador na Universidade de Dublin?²⁷

A longa carta que Langlois escreveu em 3 de novembro de 1793, endereçada ao pai de Tom, explicita sua intenção por trás do desejo de que o rapaz procure um orientador, independentemente de ser uma universidade inglesa ou irlandesa: ter um tutor, significa ter uma educação acadêmica clássica antes de prosseguir seus estudos profissionais. Nessa carta, Langlois afirma que assegurar uma tutoria “*sempre foi meu desejo favorito para Thomas*”. Mas “se ele se candidatar a uma orientação”, Langlois esclarece, “*permita que ele continue com os estudos acadêmicos. Deixe que ele aprecie os modelos gregos e romanos*” (LEFROY, 1871: 9). Langlois continua, com o objetivo de argumentar para que o Coronel previna Thomas:

Substituindo por outro curso, ou permitindo que ele se torne um advogado, um político, ou um orador, enquanto estiver na universidade, ele perderia todas as vantagens de receber uma educação acadêmica... Uma educação universitária dá força e vigor à mente... (LEFROY, 1871:11).

O ponto de vista de Langlois é até mais claro quando percebemos que não é necessária uma graduação universitária para se registrar no tribunal Lincoln Inns (HUTCHINGS, 2007). Entretanto, Benjamin Langlois desejava que Thomas desenvolvesse seus

²⁷ Claramente, então, Austen sendo uma jovem inglesa, não teria protestado a respeito do comentário anti-irlandês de Langlois em 1763. E quanto à casa de Langlois sendo “cova do leão”, em abril de 1796, já que Tom não estava mais lá, Austen não tinha nada com que se preocupar. Provavelmente são cartas perdidas, após sua pequena nota em 23 de agosto de 1796, na qual não parece que ela está escrevendo sobre um encontro com Lefroy. Nas cartas perdidas, Austen deve ter falado da sua tristeza por não ter se encontrado com Tom, ou por ter se desapontado ao saber de Langlois que o rapaz havia retornado à Irlanda. Nós nunca saberemos, a menos que as cartas perdidas miraculosamente apareçam.



conhecimentos e habilidades por meio de uma graduação universitária e que completasse o programa – o qual Tom, de fato, concluiu ao se graduar em Trinity em 1795 (HAMILTON, 1892) – antes de começar seus estudos em Londres.

O caráter de Tom, como é apresentado no *Memoir*, ajuda a explicar o comportamento do rapaz durante os feriados de inverno no período de 1795 a 1796, quando ele conheceu e dançou com Jane Austen, assim como quando ele fugiu e não conseguiu contar seus planos para sua carreira à Austen. A família acabou fofocando e espalhando a respeito do seu comportamento em relação a Jane, até mesmo nas afirmações que ela escreveu em suas cartas sobre o pouco contato que houve entre ela e Tom. Até mesmo aqueles que desejavam criar um romance apaixonado para Austen – a rainha das histórias de amor – os proponentes ao casal Austen-Lefroy, se esqueceram de consultar o *Memoir* ou fizeram uma consulta seletiva. Colocando em análise o que Austen escreveu em suas cartas e o que é mencionado no *Memoir*, é possível perceber, além do caráter e atividades de Tom, que o grande assunto era sobre a cor de seu casaco. Além disso, se o relacionamento entre Austen e Lefroy tivesse sido um romance apaixonado, a vigilante Cassandra – herdeira das milhares de cartas da irmã – permitiria que as cartas de Lefroy escapassem ilesas das chamas (que consumiram as epístolas cujo conteúdo ela sentia uma certa vexação ou que pudesse comprometer sua adorada irmã)? Por fim, como a pesquisa de Jocelyn Harris demonstra, enquanto a vida de Austen oferecer inspiração literária, assim acontecerá com sua criatividade e leitura.

REFERÊNCIAS

AUSTEN, J. *The Works of Jane Austen*. Ed. R. W. Chapman. 3rd ed. Oxford: OUP, 1933-69.

BECOMING JANE. Perf. Anne Hathaway, James McAvoy. Miramax, 2007.

FIELDING, H. *The History of Tom Jones, A Foundling*. New York: New American Library, 1963.

GARROD, H. W. “Jane Austen: A Depreciation.” *Essays by Divers Hands Being the Transactions of the Royal Society of Literature of the United Kingdom* ns 8 (1925): 21-40.



HAMILTON, J. A. "Thomas Lefroy." *Dictionary of National Biography*. 1892. Rpt. 1963-64. Vol. 11. 845.

HARRIS, J. *Jane Austen's Art of Memory*. Cambridge: CUP, 1989.

_____. *A Revolution Almost Beyond Expression: Jane Austen's Persuasion*. Newark: U of Delaware P, 2007.

HOGAN, D. "Thomas Lefroy." *Oxford Dictionary of National Biography* <<http://www.oxforddnb.com/view/article/16344>>.

HUTCHINGS, J. (Archivist, Lincoln's Inn, London). E-mails to the author. 11 April 2006, 23 June 2007.

LE FAYE. *A Chronology of Jane Austen*. Cambridge: CUP, 2006.

_____. ed. *Jane Austen's Letters*. 3rd ed. Oxford: OUP, 1995.

_____. "Tom Lefroy and Jane Austen." *Collected Reports of the Jane Austen Society 1976-1985* (1989; rpt. 1994): 336-338.

LEFROY, H. "The Real Tom Lefroy." *The Jane Austen Society Report* (2003): 11-14.

LEFROY, J. A. P. "Jane Austen's Irish Friend: Rt. Hon. Thomas Langlois Lefroy 1776-1869." *Proceedings of the Huguenot Society of London* 23 (May 1979): 148-65.

LEFROY, T. *Memoir of Chief Justice Lefroy*. Dublin: Hodges, 1871.

L'ESTRANGE, A. G. ed. *The Life of Mary Russell Mitford Related in A Selection From Her Letters To Her Friends*. 3 vols. London: Bentley, 1870.

"Q&A WITH JOAN RAY." Production Notes. *Becoming Jane*. 2007. 27 Sept. 2007 <<http://becomingjane-themovie.com/>>.

NAHMIAS-RADOVICI, N. *A Youthful Love: Jane Austen and Tom Lefroy*. Braunton, UK: Merlin, 1995.

RAY, J. K. "The Truth About Jane Austen and Tom Lefroy." *Notes and Queries* ns 53.3 (2006): 311-14.

SPENCE, J. *Becoming Jane Austen: A Life*. London: Hambleton, 2003.

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

WALKER, L. R. "[Jane Austen and TomLefroy: Stories.](#)" *Persuasions On-Line* 27.1 (2006).

WARR, I. (Information Services Office, The Law Society, London). E-mail to the author. 7 April 2006.



A [IN]DESCRIÇÃO DE JANE AUSTEN

Larissa Pereira de França²⁸

INTRODUÇÃO

Se a um leitor assíduo das obras de Jane Austen é pedido para que trace um perfil de algumas das personagens dos romances Austenianos, com sucesso esse leitor será capaz de fazê-lo. Facilmente, um pode traçar o perfil do Sr. Collins - um homem pedante, repugnante, bajulador e, como muitos dizem um "mala". Ou da Sra. Bennet - uma senhora falante, ignorante, fútil e fofoqueira que vive por casar as filhas e não se cansa de reclamar da vida. Ou de Sir Walter Elliot - um baronete quase falido, porém prepotente, vaidoso e orgulhoso.

Porém, ao refletir, esse leitor percebe que nos perfis que traçou não havia sequer uma característica física. Ele percebe que não sabe a cor dos olhos do Sr. Collins, a estatura da Sra. Bennet ou se Sir Walter Elliot era calvo. Não sabe porque Jane Austen não dá a ele essa informação. No entanto, é capaz de imaginar perfeitamente essas personagens. Isso porque a descrição física e material – preferida pela grande maioria dos escritores – para Jane Austen não aparenta ser o mais importante dentro de uma obra. Entretanto, a autora se destaca pela ausência dessa descrição – o que chamo de [in]descrição²⁹. O que é e a importância dessa [in]descrição constituem a preocupação deste artigo.

Desde o início de sua carreira Austen já apresentava essa peculiar característica que foi muito bem recebida pela crítica literária de sua época e posterior. Em *The Journal of Sir Walter Scott*, em março de 1826, Scott³⁰ diz que "*ela [Jane Austen] tinha um talento para descrever*

²⁸ Formada em Letras – Inglês/Literaturas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: larissa.p.franca@gmail.com.

²⁹ [in]descrição é um termo criado por mim com o sentido de "não-descrição" e com um objetivo lúdico através da adição do prefixo -in, de sentido negativo.

³⁰ Walter Scott (1771 – 1832). Escocês, autor de romances, poeta e roteirista. Autor de clássicos como *Waverley* e *Ivanhoé*, foi o primeiro autor de língua inglesa a fazer fama internacional em vida.

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

os envolvimentos, e sentimentos, e personagens da vida comum, o que é para mim o talento mais maravilhoso que eu já vi [...] Uma pena que uma criatura tão abençoada tenha morrido tão cedo!"³¹

Outro que identificou, apontou e louvou essa característica da autora foi seu sobrinho James Austen-Leigh quando escreveu o prefácio de *The Watsons*. Austen-Leigh afirma que *The Watsons* "é rico no poder especial que ela [Austen] possui, de contar a história e revelar as personagens através da conversação ao invés da descrição"^{31, 32}.

Anos mais tarde, em *The Novels of Jane Austen*, Lewes³³ escreve a respeito da declaração de Scott. Lewes declara que

Scott sentiu, mas não definiu a excelência da Srta. Austen. A palavra "descrever" é totalmente mal colocada e enganosa. Ela raramente descreve alguma coisa, e não é feliz quando tenta fazê-lo. Mas, ao invés de descrição, a comum e fácil fonte dos romancistas, ela possui a difícil e rara arte da apresentação dramática: ao invés de nos dizer o que seus personagens são, e o que sentem, ela apresenta as pessoas, e elas se revelam. Nisto talvez ela jamais tenha sido superada, nem mesmo pelo próprio Shakespeare. (LEWES, 1859)³⁴

Lewes (1859) apresenta aqui dois diferentes conceitos: *descrição* e *apresentação dramática*. É necessário, primeiramente, entender cada um desses conceitos dentro das obras de Austen.

³¹ Tradução livre do original: "it is rich in her especial power of telling the story, and bringing out the characters by conversation rather than by description".

³² Tradução livre do original: "She had a talent for describing the involvements, and feelings, and characters of ordinary life, which is to me the most wonderful I ever met with [...] What a pity such a gifted creature died so early!"

³³ George Henry Lewes (1817 – 1878). Crítico literário e teatral e filósofo inglês durante a Era Vitoriana.

³⁴ Tradução livre do original: "Scott felt, but did not define, the excellence of Miss Austen. The very word "describing" is altogether misplaced and misleading. She seldom describes anything, and is not felicitous when she attempts it. But instead of *description*, the common and easy resource of novelists, she has the rare and difficult art of *dramatic presentation*: instead of telling us what her characters are, and what they feel, she presents the people, and they reveal themselves. In this she has never perhaps been surpassed, not even by Shakespeare himself."



DESCRIÇÃO

Entende-se por *descrição* os dados físicos, comportamentais e de personalidade inteiramente entregues ao leitor pelo narrador, não havendo a possibilidade de sua mudança de um leitor a outro. Ao dizer que “*ela raramente descreve alguma coisa*”, Lewes nos revela que há sim *descrição* no texto de Austen, mas não é uma característica predominante. Em *Persuasão*⁷ isso ocorre uma única vez quando ao chegar a Lyme o grupo viajante conhece os dois amigos de Wentworth.

O Capitão Harville era alto, moreno, de semblante sensível e benevolente; um tanto manco; e de feições grosseiras, e necessitado de saúde, parecia bem mais velho que o Capitão Wentworth. Capitão Benwick parecia e era o mais novo dos três, e, se comparado aos outros dois, baixinho. Tinha um rosto agradável e um ar melancólico [...] apesar de não se igualar ao Capitão Wentworth em suas maneiras, era um perfeito cavalheiro, sincero, impetuoso e prestativo³⁵. (AUSTEN, 1818)

O que faz dessa passagem uma descrição é a afirmação feita pelo narrador. A partir do momento em que o narrador afirma que “*o capitão Harville era alto, moreno*”, essa informação se torna incontestável. Nenhum leitor coerente pode dizer que em sua imaginação Harville é loiro e de baixa estatura. Cabe frisar que a *descrição* não é necessariamente física, mas toda afirmação feita pelo narrador a respeito da constituição de alguma personagem e/ou cenário. Isso significa que qualquer outro dado que o leitor venha a utilizar para fazer referência a uma personagem e/ou cenário é fruto de um processo de inferência - não de descrição - resultado do processo de *[in]descrição* que será discutido mais à frente.

Por ser a *descrição* uma característica incomum nos textos de Austen, pode-se afirmar que quando a autora lança mão dessa técnica, há uma intenção por detrás. No trecho acima destacado há uma descrição comparativa entre os capitães Harville, Wentworth e Benwick: três personagens de grande importância para a trama. Considerando que na trama os protagonistas Anne Elliot e Frederick Wentworth possuem uma história no passado, que durante a narrativa

³⁵ Tradução livre da autora deste artigo.



eles estão separados e há a possibilidade de Wentworth estar ou não interessado em Henrietta Musgrove, é necessário que o narrador conquiste a simpatia do leitor para o casal protagonista Anne/Wentworth. A forma que o narrador encontra de fazer isso é exaltando a figura de Wentworth em relação a seus companheiros.

Em *Orgulho e Preconceito*⁸ há um exemplo de descrição de cenário, o que é raro na obra de Austen. Ele se encontra no segundo e terceiro parágrafos do capítulo quarenta e três.

O parque era muito extenso e possuía grande variedade de cenários. Eles entraram em um de seus pontos mais baixos, e andaram por algum tempo por um lindo campo, avançando sobre uma larga extensão [...] Eles gradualmente ascenderam meia milha e então acharam-se no topo de uma pequena colina onde o campo terminava e os olhos eram instantaneamente capturados por Pemberley, situada no lado oposto de um vale o qual a estrada rudemente circundava. Era uma construção de pedra, larga, bonita e bem posicionada numa região elevada. Atrás da casa, uma série de altas colinas arborizadas e na frente, um riacho de certa importância natural foi expandido ao máximo, sem parecer artificial. Suas margens não eram nem regulares nem falsamente adornadas. (AUSTEN, 1813)³⁶

O que se observa da descrição de Pemberley – entende-se Pemberley como não somente a casa, mas toda a propriedade – é que, mais uma vez, há um propósito para tal. Ao analisar com cuidado a obra como um todo, percebe-se que Darcy é visto negativamente tanto pelas demais personagens quanto pelo leitor até o fim do capítulo quarenta e dois. Do capítulo quarenta e quatro em diante tudo se inverte até que a visão se torne positiva ao final do romance. O momento de transição de opiniões é o capítulo quarenta e três.

É depois de conhecer a propriedade de Darcy, ver sua grandiosidade e importância, entrar em sua casa, ver sua irmã e, principalmente, a maneira como os empregados o veem e o respeitam, que Lizzy e nós leitores somos guiados a pensar diferente sobre ele. Pode-se dizer que na descrição de Pemberley Austen utiliza um recurso retórico metonímico, uma vez que a descrição física da propriedade de Darcy funciona como revelação do próprio, ou seja, ao descrever Pemberley está-se revelando quem é Darcy.

³⁶ Tradução livre da autora deste artigo.



Tendo em consideração os dois exemplos de *descrição* discutidos neste capítulo, torna-se claro que os raros momentos descritivos de Austen revelam uma intenção, uma vez que fogem à regra. Dessa forma, diferentemente do que afirma Lewes (1859) ao dizer que "*ela raramente descreve alguma coisa, e não é feliz quando tenta fazê-lo*", Austen é muito mais que feliz quanto faz descrição, ainda que raramente.

APRESENTAÇÃO DRAMÁTICA

Entende-se por *apresentação dramática* o recurso através do qual uma personagem é apresentada ao leitor pelos olhos de outra(s) e, no decorrer da trama, se revela a si própria podendo também sofrer transformações positivas e/ou negativas. Quando Lewes (1859) diz que "*ao invés de nos dizer o que seus personagens são, e o que sentem, ela apresenta as pessoas, e elas se revelam*", ele se refere ao padrão de apresentação de personagens presente nas obras Austeneanas no qual cada personagem é primeiramente apresentada pelo ponto de vista das demais para mais tarde revelar-se a si própria através de suas ações e/ou suas próprias palavras. Essa característica é muito comum em romances de costumes que privilegiam o diálogo em detrimento da narração.

É através do diálogo entre as personagens que o leitor as conhece e molda seu caráter, não havendo a necessidade de *descrição* por parte do narrador. Em alguns momentos a *apresentação dramática* pode ser confundida com a *descrição*, uma vez que pode ser feita pelo narrador e não unicamente pelos diálogos entre as personagens. Nesses casos, o que diferencia uma da outra é ponto de vista do qual se fala: a *descrição* é feita através do ponto de vista do narrador; a *apresentação dramática*, do ponto de vista de uma ou mais personagens. A título de ilustração, analisaremos as personagens Wentworth de *Persuasão* e Darcy de *Orgulho e Preconceito*.

A apresentação primária de Wentworth é feita por Sir Walter Elliot em conversa com o Sr. Shepherd a respeito do aluguel de Kellynch Hall. Em meio ao diálogo, Sir Walter diz lembrar que "*o Sr. Wentworth era um ninguém, se bem me lembro; não tinha relações*"

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

(AUSTEN, 1818)³⁷. Pouco depois, o leitor recebe informações positivas da personagem através do narrador que, por sua vez, narra o ponto de vista das irmãs Louisa e Henrietta que declaram *"o quão encantadas estavam com ele, como elas o achavam o mais belo, o infinitamente mais agradável dos homens de seu convívio"* (AUSTEN, 1818)³⁸.

Entretanto, apenas após uma carta escrita pelo próprio Wentworth o leitor é capaz de definir quem ele é realmente. Ele escreve para Anne: *"ofereço-me a você outra vez com um coração ainda mais seu do que quando você quase o partiu há oito anos e meio atrás [...] não amei mais ninguém senão você. Injusto talvez fui, fraco e ressentido eu fui, nunca inconstante"* (AUSTEN, 1818)³⁹.

Com a personagem Darcy não é diferente. Sua primeira aparição no romance é no baile oferecido por Sir William e Lady Lucas quando o narrador nos diz que o cavalheiro *"logo chamou a atenção de todos por sua altura, beleza, traços finos e gestos nobres [...] Os cavalheiros o proclamaram um homem fino, as damas o declararam ser mais belo que o Sr. Bingley"* (AUSTEN, 1813)⁴⁰. No entanto, ainda no mesmo parágrafo o leitor é surpreendido com uma brusca mudança de opinião das personagens a respeito do cavalheiro em questão e é induzido a tirar más conclusões do mesmo: *"e ele foi visto com admiração até metade da noite, até que suas maneiras geraram certo desgosto que inverteu sua maré de popularidade; perceberam que era orgulhoso, mantinha-se afastado de seu grupo e parecia impossível de ser agradado"* (AUSTEN, 1818)⁴¹. Podemos claramente perceber que nessas duas passagens a personagem Darcy é apresentada pelo narrador através dos olhos das personagens presentes na cena.

Mais uma vez, o leitor só se torna capaz de declarar quem a personagem é em sua essência através de suas próprias palavras. Em conversa com Lizzy, Darcy se abre e explica a si mesmo.

³⁷ Tradução livre da autora deste artigo.

³⁸ Tradução livre da autora deste artigo.

³⁹ Tradução livre da autora deste artigo.

⁴⁰ Tradução livre da autora deste artigo.

⁴¹ Tradução livre da autora deste artigo.



Não posso facilmente me reconciliar comigo mesmo. A lembrança de tudo o que eu disse, da minha conduta, minhas maneiras, minhas expressões durante tudo isso, é agora e tem sido durante muitos meses, dolorosa para mim de forma inexpressível [...] me ensinaram a ser egoísta e insuportável, a não me preocupar com ninguém além do meu círculo familiar, a pensar com desprezo no resto do mundo, a desprezar seu bom senso e valores se comparados aos meus. Assim eu fui dos oito aos vinte e oito anos; e assim eu, talvez, ainda seria se não fosse por você, querida, amada, Elizabeth! (AUSTEN, 1813)⁴².

A partir daí, entender a noção de *apresentação dramática* se torna muito mais fácil. Tanto Wentworth quanto Darcy, ambos não têm suas descrições prontas e entregues “de bandeja” ao leitor. Nenhum dos dois é *descrito*. Por outro lado, são apresentados inúmeras vezes por diferentes vieses até que por fim, se revelam a si próprios como realmente são. Isto é, ocorre uma não descrição ou — como prefiro chamar — uma *[in]descrição* por parte da autora que, para tal, utiliza-se do recurso da *apresentação dramática*.

CONCLUSÃO

Entende-se *[in]descrição* como uma característica que é resultado do processo de utilização do recurso da *apresentação dramática*. Esse recurso consiste da apresentação das personagens pelo ponto de vista delas próprias, dispensando a tradicional descrição pelo ponto de vista do narrador. Nas obras Austeneanas, a *[in]descrição* é o único motor do imaginário do leitor que se vê livre para inferir e opinar a respeito das personagens e cenário. Entende-se também que tanto a *descrição* quanto a *[in] descrição* presentes nos trabalhos de Jane Austen não são obra da casualidade. A *[in]descrição* é um padrão; um estilo; uma escolha da autora que diferentemente da descrição direciona seu foco para as personagens em detrimento do cenário; conferindo a elas maior liberdade e autonomia e aproximando-as da realidade. Não é à toa que a obra de Austen é por muitos considerada realista. Com esse estilo, Austen permite ao leitor ousar mais em sua imaginação, surpreender-se com as reviravoltas das personagens que mudam constantemente como todo ser humano e abre brecha para as inúmeras e tão

⁴² Tradução livre da autora deste artigo.



distintas adaptações de suas obras para Teatro, Cinema e Televisão. A *[in]descrição* é também uma estratégia muito inteligente, pois confere à obra um suspense incomum em histórias de romance, gerando no leitor um desejo insaciável de entender cada personagem do romance, tornando-o escravo de sua leitura até o fim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTEN, Jane. *Persuasion*. 1818.

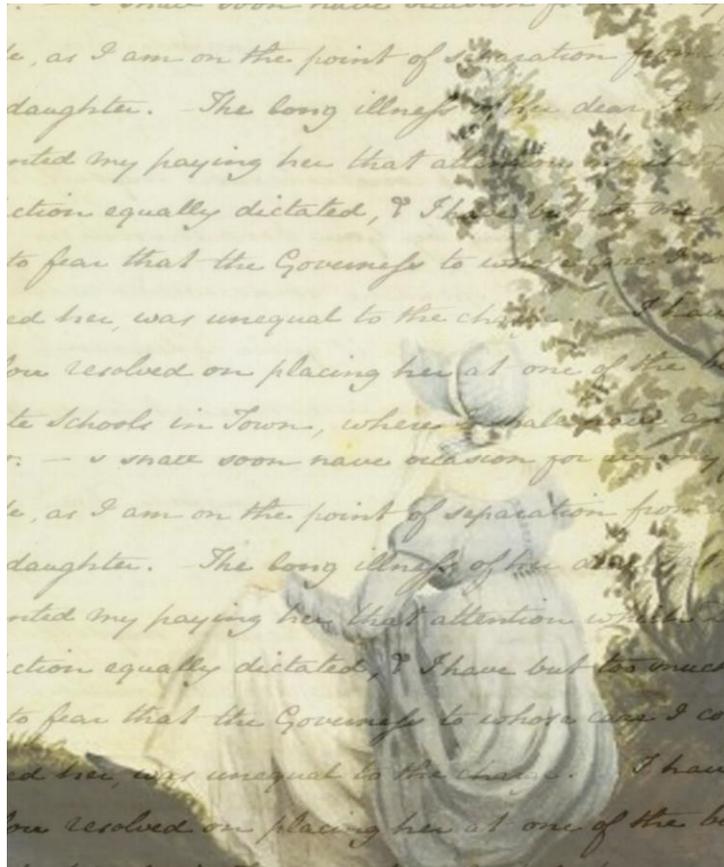
AUSTEN, Jane. *Pride & Prejudice*. 1813.

AUSTEN-LEIGH, James Edward. Preface. *The Watsons*. In: *A Memoir of Jane Austen*. 2ª ed. London: Richard Bentley and Son, 1871.

LEWES, George. *The Novels of Jane Austen*. In: *Blackwood's Edinburgh Magazine*. Vol. 86. Edinburgh: William Blackwood and Sons, 1859.

SCOTT, Walter. *The Journal of Sir Walter Scott*. Riikka Talonpoika, Susan Skinner e the PG Online Distributed Proofreading Team. Disponível em: <www.gutenberg.net>.

NÚMERO 06 - 2º SEMESTRE DE 2019



Revista LiterAusten

Estudos, pesquisas e ensaios dedicados ao legado
da romancista inglesa

Jane Austen